

# O jornalismo como forma cultural: uma breve análise histórica dos valores jornalísticos na Globo e na BBC

*Journalism as a cultural practice: a brief historical analysis of the journalism values of Globo and BBC networks*

■ FERNANDA MAURICIO SILVA \*

## RESUMO

Propomos no presente artigo uma análise comparativa entre o jornalismo desempenhado pela Rede Globo e pela rede britânica British Broadcasting Company, a BBC – consideradas referência de jornalismo em seus países de origem – a partir de uma relação histórica que essas emissoras estabeleceram com as premissas do jornalismo: serviço público, vigilância, quarto poder, objetividade, atualidade. A abordagem tem como foco o modo como a BBC e a Globo se desenvolveram historicamente e os fatores sociais, tecnológicos, políticos e organizacionais que influenciaram a construção do modelo de jornalismo adotado por essas corporações.

**Palavras-chave:** telejornalismo, BBC, Rede Globo

## ABSTRACT

This article makes a comparative analysis between the type of news broadcasting practiced by Rede Globo and the British Broadcasting Company (BBC), both considered references in the field of journalism in their respective countries. It determines the historical relations these broadcasters have established with the basic premises of journalism (public service, surveillance, the *fourth power*, objectivity, actuality) and also outlines the historical development of the BBC and Globo, as well as the social, technological, political and corporate factors that have helped to shape the style of journalism adopted by these companies.

**Keywords:** news broadcasting, BBC, Rede Globo

\* Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia.

## INTRODUÇÃO

OS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS do jornalismo apontam que os valores e premissas que hoje reconhecemos – objetividade, valores-notícia, verdade e relevância, atualidade, vigilância, independência, interesse público – foram estabelecidos no contexto sociopolítico das sociedades anglo-americanas do século XIX (Chalaby, 2003; Traquina, 2004). O advento da democracia aliado a fatores sociais (aumento da população urbana e melhoria da qualidade de ensino público), econômicos (desenvolvimento industrial) e avanços tecnológicos (surgimento do telégrafo, maior possibilidade das tiragens dos jornais pelas rotativas, criação da máquina fotográfica) foram aspectos essenciais para a implantação de um *novo jornalismo* (Traquina, 2004), já não mais baseado em opiniões e propaganda, mas em fatos e informações.

A posterior expansão dessa forma de fazer e conceber o jornalismo provocou uma impressão de que esse modelo foi reproduzido sem variações no restante do mundo, o que significaria dizer que o jornalismo está cristalizado nesses valores e não poderia abarcar novas concepções.

Raymond Williams (1997), no entanto, nos mostra que o jornalismo é uma forma cultural e, como tal, está sujeito a variações de acordo com o contexto em que está inserido. Rejeitando um olhar para o social a partir de uma cristalização das relações, formações, instituições e posições, Williams (1971) sustenta sua teoria cultural numa dimensão flexível e mutável dos processos sociais, o que implica considerar que a cultura e seus elementos estão sempre em transformação. Com o jornalismo não seria diferente, uma vez que seus valores estão em permanente diálogo com a sociedade que o consome. Portanto, é possível considerar, na perspectiva dos Estudos Culturais, que o jornalismo está em formação, ressignificando suas premissas a partir das mudanças socioculturais, das transformações políticas, das inovações tecnológicas e da própria demanda da audiência. Sendo assim, o jornalismo vai se desenvolvendo numa dinâmica que permite a manutenção de valores considerados básicos para seu reconhecimento social – a relação com o real, a verdade, a objetividade, entre outros, ao mesmo tempo que esses valores vão se transformando a fim de adaptar-se aos novos contextos.

Ao propor uma história da imprensa norte-americana, Michael Schudson (1978) demonstra que a objetividade tornou-se um valor dominante para o jornalismo quando o modelo informativo tornou-se preferencial pelas elites locais. Associado a isso, o desenvolvimento do telégrafo e das agências de notícias aceleraram a disseminação desse modo de produção de notícias, transformando-o em prática mais corrente<sup>1</sup>. Como consequência, outros modelos de jornalismo, como o sensacionalismo, tornaram-se práticas inferiores,

1. O argumento do autor prossegue demonstrando que, após a I Guerra Mundial, a sociedade norte-americana passou por um momento de *descrença nos fatos* e a subjetividade passou a ser incorporada nas narrativas jornalísticas.

alternativas e desacreditadas. Desse modo, não é da natureza do jornalismo ser objetivo, mas essa característica resulta de processos históricos que conformaram tanto os procedimentos dos jornalistas quanto as expectativas da audiência<sup>2</sup>.

O jornalismo praticado na televisão se sustenta sobre essas premissas – próprias do campo jornalístico, e não de um veículo específico – que se materializam por meio de uma articulação com o meio audiovisual. O uso da imagem como estratégia de legitimidade na cobertura dos fatos (como se a imagem representasse mais fielmente a realidade, conferindo uma legitimidade retórica aos programas televisivos), o deslocamento de equipes de jornalismo em busca das informações, os recursos de edição e montagem, os enquadramentos da câmera, as inserções ao vivo, são alguns recursos da linguagem televisiva empregados pelos programas para construir sua autenticidade diante da audiência.

Propomos no presente artigo uma breve análise comparativa entre o jornalismo desempenhado pela rede britânica British Broadcasting Company (BBC) e pela Rede Globo, ambas consideradas referências de jornalismo em seus países de origem. A partir dos registros históricos das duas emissoras, procuramos mostrar como elas lidam com as premissas de atualidade, serviço público, vigilância, quarto poder e objetividade. Assim, faremos uma abordagem do modo como a BBC e a Globo se desenvolveram historicamente e os fatores sociais, tecnológicos, políticos e organizacionais que influenciaram a construção do modelo de jornalismo desempenhado nessas corporações.

Inicialmente, um fator que se destaca para as duas emissoras é o fato de elas serem um serviço público regulado pelo Estado, prática que surgiu após a crise econômica da década de 1920 e que atingiu seu ponto máximo em 1929 (Jambeiro et al. 2000). Naquele momento, o Estado, que até então estava alheio a qualquer tipo de controle e regulação do mercado, tornou-se uma forma de proteção dos bens públicos. No caso da radiodifusão, a regulação estatal ocorreu porque ela usa um bem público: o espectro eletromagnético. No Reino Unido, o Estado não só concede o direito de exploração dessas ondas, como também financia as empresas difusoras. No caso do Brasil, o Estado distribuiu o direito de exploração do espectro para empresas privadas, o que marcou a televisão brasileira como comercial desde seu surgimento<sup>3</sup>.

Logo, a ideia de serviço público tornou-se algo incorporado pelos programas jornalísticos, que elaboravam seu conteúdo em função da ideia de servir o bem comum, ser uma porta-voz do interesse público. No livro institucional do *Jornal Nacional*, Armando Nogueira, ex-chefe de jornalismo do principal telejornal da emissora, afirmou:

2. Outros autores também demonstram as transformações culturais de valores do jornalismo, como Afonso de Albuquerque (1999) e Mark Deuze (2005).

3. No Brasil, apenas a TV Brasil e as Educativas são financiadas com dinheiro público.

“a gente nunca podia perder de vista o fato de que a televisão era uma concessão de serviço público a título precário. A qualquer momento, podiam nos tirar. E isso era um elemento de pressão que eles [os militares] usavam muito em determinadas situações” (Memória Globo, 2004: 81).

Entretanto, essa característica de serviço público levou a concepções diferenciadas do jornalismo no Brasil e no Reino Unido.

### **BBC: SOBRIEDADE E JORNALISMO INDEPENDENTE**

Parte das características do jornalismo da British Broadcasting Company (BBC) surgiu ainda no período do rádio e, quando tornou-se uma emissora televisiva, já tinha o jornalismo consolidado como instituição social (Seaton, 2003). O ideal de *serviço público* significou, para os produtores da BBC, agir em função de uma ideia de bem comum, interesse público e consenso. Entregue à direção de John Reith em sua fase inicial, a BBC (ainda radiofônica) distanciou-se dos representantes políticos, posicionando-se como uma voz *neutra*, acima do partidarismo. Tal postura era muito mais consequência das convicções do próprio Reith, para quem “a administração da radiodifusão deveria ser feita por especialistas do ramo, independentes do governo e do mundo dos negócios” (Briggs e Burke, 2006: 219), do que uma imposição. A insistência da independência política estabeleceu o primeiro parâmetro de uma premissa do jornalismo: a objetividade. Considerando que esta surgiu, historicamente, no jornalismo como uma alternativa ao jornalismo politicamente engajado e opinativo, a BBC se distanciou do jornalismo panfletário. Contudo, se no século XIX a objetividade se manifestava como *a transmissão real dos fatos*, em meados do século XX ela estava mais ligada a uma voz apartidária, sem vinculação com o governo vigente, independente.

O fato é que essa postura da BBC lhe deu credibilidade para agir como *cão de guarda* dos interesses da sociedade: como os dirigentes da BBC não eram políticos e nem aliados a nenhum grupo partidário, a audiência encarava isso como um fator de confiança, o que lhe outorgava o papel social de vigilância, premissa que também se formou na Inglaterra e nos Estados Unidos no século anterior. No século XIX, o jornalismo precisava assumir um lugar que legitimasse sua existência e sua relevância. Assim, o jornalismo encontrou fundamento na teoria democrática, servindo tanto como um *cão de guarda*, um vigilante das ações do poder político dominante, a fim de garantir a liberdade de expressão, quanto um espaço de debate dos assuntos públicos, permitindo que o povo tivesse voz e pudesse cobrar das autoridades os seus

direitos (Traquina, 2005; Gomes, 2003) . É por isso também que o jornalismo é conhecido como o *quarto poder*.

Na BBC, entretanto, essa premissa foi revista na cobertura da Greve Geral de 1926, quando a emissora concedeu mais visibilidade às vozes governantes, sendo representadas como a voz da ordem, enquanto os grevistas eram entrevistados nos ambientes conturbados das manifestações e, por isso, enquadrados como desordeiros. Tal postura foi interpretada pela audiência como um alinhamento da emissora aos interesses governamentais e levou a uma crise no reconhecimento público da credibilidade da BBC para cobrir os assuntos nacionais. Como resposta e tentativa de se firmar no cenário das comunicações, a BBC aprendeu a se censurar internamente a fim de evitar a influência da visão governista sobre os fatos. Isso se tornou norma, entrando para o código de ética da emissora, o que marcaria a perspectiva do jornalismo da emissora daí em diante, como ocorreu na cobertura da II Guerra Mundial. Esse evento, pela proporção que adquiriu e pela importância, permitiu que a BBC promovesse uma coesão nacional e se tornasse o veículo mais buscado pela população para acompanhar os acontecimentos, já que nesse caso não havia uma divisão interna do país – como foi no caso da greve –, era o Reino Unido contra o avanço e os ataques de Hitler e seus aliados.

Alguns desdobramentos foram importantes a partir da década de 1940. A relevância do assunto levou a uma concepção de que as notícias deveriam ser transmitidas o mais rápido possível, configurando uma característica do jornalismo que se desenvolveria a partir dali: a instantaneidade. Foi nesse período que começaram a surgir programas exibidos de meia em meia hora, que transmitiam os últimos acontecimentos dos campos de batalha e as decisões do primeiro-ministro Winston Churchill. Atualmente, a BBC<sup>4</sup> apresenta blocos informativos, chamados *BBC News*, com a mesma periodicidade dos programas radiofônicos da época da II Guerra, procurando manter o telespectador que acabou de ligar a televisão atualizado sobre os assuntos mais importantes que estão ocorrendo no mundo.

Outro desdobramento proveniente da cobertura da II Guerra é que o medo generalizado de um ataque aéreo por parte das Potências do Eixo levou o público a exigir explicações detalhadas sobre os assuntos da guerra. Assim, a audiência era mais exigente quanto à profundidade dos programas, o que tornou o público mais informado. Isso levou ao surgimento de novos formatos de programa, como os de debate no rádio, que convidavam filósofos e jornalistas renomados do meio impresso para discutir e aprofundar o tema. Assim, a BBC cumpria com seu papel social de munir a população de informações importantes sobre as quais deveria formar opinião.

4. Vale ressaltar que nossa análise é da BBC Internacional, que chega ao Brasil pelos canais fechados. Não temos acesso à BBC transmitida no Reino Unido, mas acreditamos que as premissas do jornalismo sejam semelhantes.

5. Vale salientar a *performance* de Tim Sebastian, ex-apresentador oficial do *Hard Talk*, que exercia com primazia esse papel.

Ainda hoje se pode ver esse papel do jornalismo da BBC em documentários, como o *Little Europe*, que aborda as questões políticas e econômicas que envolvem a União Européia e a repercussão das decisões tomadas pelos líderes sobre a Europa. Outra forma de aprofundar a informação é por meio do *Hard Talk*, programa de entrevistas em que um jornalista da emissora faz perguntas para um representante do cenário internacional, seja no âmbito da política, da economia ou da cultura, desde que remeta a assuntos internacionais. O objetivo do programa é mostrar os convidados numa situação de conflito e contradição<sup>5</sup>. Essa *devassa* na vida pública do entrevistado constrói um efeito de verdade e de exercício da boa apuração. A verdade surgiu na BBC como valor também na cobertura da II Guerra, quando o jornalismo da emissora adotou a máxima de que a verdade da guerra deveria ser mostrada independentemente de quão terrível ela fosse.

Após os acontecimentos da II Guerra, a BBC saiu com um jornalismo fortalecido e institucionalmente constituído. Com valores reconhecidos pela audiência, tais como serviço público, objetividade, vigilância, clareza, verdade e atualidade, a BBC, ao migrar para o sistema televisivo, já tinha um jornalismo consolidado que lhe permitiu sobreviver ao longo dos anos quando surgiu a concorrência de outras emissoras de televisão. Esses valores estavam distantes de uma busca pela aprovação governamental para o enquadramento dos assuntos cobertos<sup>6</sup>, postura que rendeu à BBC fortes pressões governamentais e ameaças de fechamento que se intensificaram no governo rígido de Margareth Thatcher, que pretendia fazer da emissora um fórum de divulgação das ações do governo.

6. Como não contava com a direção de representantes dos partidos que ocupavam o poder no Reino Unido e por conta da política de John Reith de distanciar-se da influência política, houve uma discussão na Inglaterra que questionava como o governo poderia continuar financiando a emissora se ela entrevistava e dava voz a pessoas contrárias ao governo. Como ela poderia continuar se mantendo como um serviço público sustentando essa forma de imparcialidade que mostrava os dois lados? Assim, a BBC apoiou-se no conceito de interesse público: seu papel era informar a população, e isso lhe garantiu credibilidade.

Como o Partido Conservador permaneceu no poder durante mais de vinte anos, não havia outra versão dos fatos que pudesse fazer oposição à política de Margareth Thatcher, papel que acabou caindo nas mãos da BBC. Assim, se por um lado Thatcher esperava um alinhamento por parte da emissora e a negação das vozes dissidentes, ameaçando tirar a concessão da BBC e cortar seu financiamento, por outro, a BBC esperava desenvolver um serviço público que pudesse dar visibilidade às várias camadas sociais e às várias versões dos fatos, nessa época representadas pelo IRA (Exército Republicano Irlandês) e pelos adversários da Inglaterra no conflito das Malvinas. Para a primeira-ministra inglesa, dar voz ao IRA e aos protestantes radicais da Irlanda do Norte era um ataque direto à sua autoridade e uma atitude desleal.

Apesar da permanente pressão exercida por Margareth Thatcher, ameaçando desregulamentar a BBC, a emissora não adotou uma política partidária e manteve o princípio de construir a realidade social a partir do acesso às diversas versões dos fatos, a fim de fornecer uma perspectiva ampla acerca dos acontecimentos. Apesar das diversas modificações sofridas internamente pela

BBC, ela se manteve firme às premissas do jornalismo estabelecidas desde os tempos do rádio e persistiu em se consolidar como um serviço público independente politicamente.

### **GLOBO: SERVIÇO PÚBLICO COM ALINHAMENTO POLÍTICO**

Ao contrário do Reino Unido, a TV brasileira nasceu comercial e voltada para um público massivo, sem uma preocupação em educar a população, mas sim em entreter a audiência, o que justifica a quantidade de telenovelas importadas e programas de auditório que marcaram seu início (Ramos; Borelli, 1989). Com o auxílio de recursos financeiros, de equipamentos e de pessoal do grupo norte-americano *Time-Life*<sup>7</sup>, a Rede Globo de Televisão emergiu com grande força no cenário nacional em 1965, para concorrer com as já estabelecidas TV Tupi (a pioneira criada por Assis Chateaubriand) e TV Excelsior.

Ao contrário da BBC, a Globo teve outra postura frente ao governo federal. O fato de ser uma concessão pública não a levou à busca pela imparcialidade política, mas a uma adesão ao governo militar vigente no período em que a rede nasceu e se firmou no cenário nacional. Por isso o jornalismo da Globo assumiu o papel de porta-voz oficial do governo federal, sob o pretexto de temer a forte censura imposta pelo regime militar. Entretanto, após o período de declínio da ditadura, a Globo continuou com a mesma postura, o que denota mais um caráter editorial do que circunstancial.

Se em seus telejornais a Globo procurou uma postura de alinhamento político assumido pelo dirigente da emissora, Roberto Marinho, na dramaturgia e em outros produtos jornalísticos, a emissora apostava na ousadia de autores de esquerda. Foi o caso da minissérie *O Pagador de Promessas* e a telenovela *Roque Santeiro*, de Dias Gomes, e o documentário *Wilsinho Galileia*, de João Batista de Andrade, produzido para o *Globo Repórter* (1978), todos censurados pelo governo militar pouco antes de sua exibição.

Isso ilustra o tipo de vigilância que a Rede Globo pretende exercer. Sendo a vigilância um valor do jornalismo dentro do qual ele deve atuar, a Central Globo de Jornalismo não pode prescindir dele, buscando, na constante abordagem da vida política, uma forma de dizer à audiência que está fiscalizando o poder e rastreando suas decisões. De acordo com Afonso de Albuquerque (1999), no Brasil, aquilo que é conhecido como *quarto poder* assemelha-se a um *poder moderador*, ou seja, a imprensa local reivindica autoridade para colocar um poder contra o outro a fim de manter a ordem pública e a estabilidade. Para o autor, a relação entre a imprensa e o poder executivo, por exemplo, é marcada por uma postura geralmente caracterizada como governista, colocando-se ao lado do governo para apoiar suas ações. Por isso, é possível perceber o esforço que

7. Dois meses após a estreia da TV Globo, em abril de 1965, o então governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, denunciou os acordos da emissora com o grupo norte-americano como ilegais, com base no artigo 160 da constituição. Em 1966, o próprio Roberto Marinho foi depor na CPI que investigava o caso a fim de defender os contratos. Ver: <[http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/upload/depoimento\\_rm\\_02.html](http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/upload/depoimento_rm_02.html)>.

# P

## O jornalismo como forma cultural: uma breve análise histórica dos valores jornalísticos na Globo e na BBC

os veículos jornalísticos fazem em divulgar a agenda presidencial, os discursos feitos pelos governantes, as decisões tomadas. Entretanto, essa postura a favor do governo pode ser facilmente contrariada quando ele quebra com a ideia de estabilidade que o jornalismo aspira construir. Foi essa postura de *vigilância moderada* que angariou à Globo questões controversas, como a cobertura das *Diretas Já* (1985) e do debate presidencial entre Fernando Collor e Luís Inácio Lula da Silva (1989).

Para construir uma posição de autoridade que lhe outorgue promover esse tipo de jogo (oscilando entre a postura governista e acusadora quando os representantes agem contrariamente à estabilidade), a Globo assume o ideal de objetividade evitando os comentários e localizando-os em momentos e espaços específicos dos programas. Os apresentadores, figuras que funcionam como porta-vozes da instituição, não emitem opinião direta quando estão relatando os acontecimentos, deixando a opinião reservada para os comentaristas especializados. No *Bom Dia Brasil*, telejornal matinal da emissora, esses personagens têm um lugar central, dialogando com os apresentadores e procurando fornecer ao telespectador uma avaliação mais ampla dos fatos do dia anterior para que ele saia de casa com um panorama das repercussões dos acontecimentos e o que se pode esperar deles. No *Jornal Nacional* e no *Jornal da Globo*, os especialistas não aparecem com regularidade, exceto quando há algum assunto que a emissora entenda que deva receber uma versão mais ampla.

Essa tentativa de afastar a opinião dos fatos é personificada pelos apresentadores que, no início do telejornalismo, tinham mais a função de locutores, agindo como ventríloquos (Verón, 1983) do discurso da emissora. Ainda que eles comentem os assuntos um com o outro (como ocorre no *Jornal Hoje*, em que Sandra Annenberg e Evaristo Costa fazem breves comentários sobre os VTs, mas não buscam um aprofundamento das notícias), eles o fazem num momento específico após a exibição da matéria. Apesar de não usar a opinião, ou avaliação direta dos mediadores, o *Jornal Nacional* parece escapar à regra por conta das expressões faciais dos apresentadores. Assim, a piscadela de Fátima Bernardes, o olhar de reprovação de Bonner, as expressões de dúvidas, o tom da voz, tudo isso ajuda a construir um sentido acerca da opinião do telejornal sobre os eventos<sup>8</sup>. Os olhares de reprovação não estão associados aos apresentadores, mas à instituição – o *Jornal Nacional* – que eles representam.

Parte das características do jornalismo da emissora se relaciona com a própria noção de *jornalismo nacional*. Os avanços tecnológicos da transmissão via satélite, que permitia uma transmissão em rede, bem como o alinhamento aos interesses do governo militar vigente de promover a unidade nacional, levaram à formação do principal produto jornalístico da Globo, o *Jornal Nacional*,

8. Em outro momento, já denominamos essa característica dos apresentadores do *Jornal Nacional* como intérpretes das notícias (Silva, 2005).

o primeiro a conceber notícias para o país inteiro. Isso é relevante porque foi a base que estabeleceu uma das principais premissas do jornalismo da Globo: prestar um serviço público que interessasse a todos os brasileiros. Assim, a temática do *Jornal Nacional*, bem como o modo de tratar os assuntos deveria se deslocar de um local geográfico específico e partir para buscar uma abordagem mais ampla que pudesse interessar a todo o país. *Seu João*, *Dona Maria* e *Seu José* são personagens que corporificam os assuntos abordados pelos telejornais buscando criar uma proximidade com o telespectador que está em casa. A humanização do relato é o recurso mais apropriado para construir essa relação, já que toma a vida de um brasileiro como o todo da relação.

Ao longo de sua história, os telejornais da Globo primaram pela qualidade técnica, indicando uma preocupação com a premissa da clareza da informação. A fim de colocar ordem na complexidade do mundo (Traquina, 2005), a Globo, mais especificamente, o *Jornal Nacional*, se apropriou da linguagem televisiva como forma de tornar os assuntos mais claros para o telespectador. No momento de surgimento do *Jornal Nacional*, em 1969, havia uma preocupação da rede em se firmar no cenário (ainda incipiente) das emissoras de TV no Brasil e, assim, iniciar uma trajetória de legitimação pública. O *Jornal Nacional* surgiu para concorrer com o *Repórter Esso*, telejornal formado no rádio e exibido na TV pela Tupi, o qual, durante a década de 1960, era o principal telejornal do país, transmitido para várias capitais. Para concorrer com o noticiário já consolidado, o *Jornal Nacional* apostou na qualidade técnica e na apropriação da linguagem televisiva. É assim que surge o *padrão Globo de qualidade* que acabou se confundindo com um padrão de telejornalismo no Brasil. Para cumprir seu papel social de informar com clareza todos os brasileiros, independentemente da idade, classe social ou nível de escolaridade, o *Jornal Nacional* (e os demais acompanham essa diretriz) investe em recursos gráficos, mapas, trilhas sonoras, selos, cores, enfim, recursos que possam fazer os assuntos mais *áridos* serem compreendidos pela audiência.

O esforço por manter a clareza da transmissão das notícias também se manifesta na busca por uma boa apuração, o que revela o esforço da emissora em mostrar a verdade, principalmente nas matérias em que se assume maior relevância pública, ou seja, aquelas que estão relacionadas a denúncias de fraudes envolvendo políticos e instituições públicas. Expressões como *nossa equipe procurou* ou *em uma entrevista exclusiva para a equipe...* ou ainda *imagens exclusivas do acidente, você vê aqui* visam a mostrar, retoricamente, o compromisso da emissora com a boa apuração, o que lhe indica maior credibilidade.

A busca pela qualidade de apuração surgiu no telejornalismo da Globo no momento em que a emissora sofreu um incêndio na década de 1970, o que

levou as instalações do jornalismo a saírem do Rio de Janeiro para São Paulo. Politicamente, o país passava por um momento de maior abertura política e menor restrição ao jornalismo, o que levou à profissionalização do telejornalismo da Globo. Esse momento de profissionalização – como se fosse o divisor de águas para um jornalismo *sério* – contou com a presença de profissionais vindos do jornalismo impresso. Assim, a seriedade jornalística que o jornalismo da Globo aspirava estava associada aos métodos de construção das notícias impressas:

então, naquela época, recorreu-se à imprensa escrita, a jornalistas preocupados com a apuração, com a integridade da notícia. Achávamos que era o que faltava à televisão. A gente lutava muito contra a superficialidade do veículo (Memória Globo, 2004: 79).

As coberturas das greves dos metalúrgicos do ABC paulista e das rebeliões do presídio de Jacareí em São Paulo foram o grande marco que consolidou a profissionalização do jornalismo da emissora. A qualidade da apuração era vista, sobretudo, por meio da imagem: havia um esforço nítido do *Jornal Nacional* em mostrar as imagens dos acontecimentos e legitimar a figura do repórter como uma testemunha ocular dos fatos, aparecendo no vídeo em meio ao acontecimento, garantindo um efeito de verdade. O repórter Carlos Nascimento e o cinegrafista Reynaldo Cabrera se colocaram na frente do tiroteio ocorrido no presídio, registrando tudo o que acontecia. Essa cobertura lhes garantiu o Prêmio Wladimir Herzog de Anistia e Direito Humanos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as premissas do jornalismo e sua apropriação pelas emissoras de TV aqui exploradas, observamos que, no que diz respeito ao *serviço público*, o telejornalismo britânico o traduziu num distanciamento partidário para não se comprometer com uma perspectiva oblíqua dos acontecimentos, assumindo uma postura independente politicamente. No Brasil, por sua vez, houve o movimento oposto: alinhamento político para evitar o confronto com o governo militar e perder a concessão. Foi o próprio Roberto Marinho quem assumiu essa posição num editorial publicado pelo jornal *O Globo* em 1984 (Marinho, 2008).

A partir da concepção de serviço público, um desdobramento direto é o modo como as emissoras lidam com a função de *vigilância* e *quarto poder*, ideias que expressam a relação com o poder político e com a função social de servir ao *interesse público*. Assim, a BBC, por sua postura *objetiva*, se legitima como autoridade para tratar das questões relacionadas ao governo sem assumir diretamente uma política partidária. Os assuntos considerados pela BBC como

interesse público são aqueles ligados à política e à economia, além dos problemas sociais. No caso da Globo, a ideia de vigilância está atrelada à cobertura dos espaços onde as decisões acontecem. Os assuntos pertinentes ao público são aqueles que afetam diretamente o cotidiano da audiência: mudança nas tarifas telefônicas, decisões sobre a previdência social, escândalos políticos.

Uma quarta premissa que aparece nas emissoras é o conceito de *verdade*, que no caso da BBC se manifesta pelo trabalho dos jornalistas em aprofundar o máximo possível as informações. A busca pela verdade, na Globo, também se manifesta por meio da apuração da notícia, mas aqui está mais ligada ao uso da imagem como forma de mostrar o *fato real*. O valor que a Globo dá aos seus repórteres e o fato de os colocar no *local onde as notícias acontecem*, ainda que não esteja acontecendo nada no momento<sup>9</sup>, é uma garantia de legitimação. No caso da Globo, essa relação com a verdade procura promover um distanciamento das opiniões diretas dos mediadores, que se colocam *objetivamente*, como porta-vozes da instituição. A verdade das informações também está ligada à *clareza* com que os assuntos são abordados, utilizando recursos da linguagem televisiva (gráficos, mapas, som, recursos de edição etc) para apresentar as notícias de uma forma ordenada e lógica para os telespectadores.

Essa análise evidencia que o jornalismo é fruto de uma construção histórico-social que se iniciou na segunda metade do século XIX, mas que se modifica em função de tensões sofridas pelo campo. Por isso, não podemos assumir o jornalismo como consolidado, mas sim como um processo culturalmente construído. Nosso objetivo foi mostrar, por meio dessa breve análise, como o ambiente cultural modifica a relação do jornalismo com suas premissas e apontamos, com isso, uma diretriz de análise para produtos jornalísticos. ■

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro quarto poder. Imprensa e compromisso político no Brasil. In: *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, vol. 1 (1)1999.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006.
- DEUZE, Mark. 2005. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. In: *Journalism*, London: Sage Publications, Vol. 6(4) 2003.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo. Bases para sua delimitação teórica*, Salvador, BA. Tese de doutorado Universidade Federal da Bahia; 2003.
- GOMES, Wilson. Jornalismo e esfera civil. O interesse público como princípio moral do jornalismo. In: *Comunicação e Democracia de Massa: problemas e perspectivas*. Salvador. 2005.

9. Muitas vezes, os repórteres da Globo entram ao vivo nos programas para falar sobre certo assunto, mas não está acontecendo nada no local. Isso fica claro no *Jornal da Globo* quando traz um repórter falando ao vivo de Brasília, na frente da Esplanada dos Ministérios ou do Congresso, que já encerrou suas atividades no horário de transmissão do telejornal. Mas mostrar a imagem ao fundo significa que o repórter esteve no local das decisões políticas e por isso tem credibilidade para tratar os assuntos.

- JAMBEIRO, Othon; SANTOS, Suzy; RIBEIRO, Andrea et. al. Regulação da Radiodifusão: a concessão de frequências no governo provisório Vargas (1930-1934). *Revista Eletrônica Internacional de Economia de las Tecnologias de la Informacion y de la Comunicacion*, v. II (3), 2000.
- MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- RAMOS, José Mário Ortiz; BORELLI, Sílvia Helena Simões. A telenovela diária. In: ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- REZENDE, Guilherme Jorge. 2000. *Telejornalismo no Brasil*. Um perfil editorial. São Paulo: Summus.
- SEATON, James. Broadcasting history. In: CURRAN, James; SEANTON, James. *Power without responsibility*. The press, broadcasting and new media in Britain, London/ New York, Routledge, 2003.
- SCHUDSON, Michael. *Discovering the news*. A social history of American newspaper. New York: Basic Books Inc. Publishers, 1978.
- SILVA, Fernanda Mauricio. *Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento*, Salvador, UFBA, (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea), 2005.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*, São Leopoldo/ RS, Editora Unisinos, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Teorias do jornalismo*, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, vol. 1. 2004.
- \_\_\_\_\_. *Teorias do jornalismo*. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular. 2005.
- TRINDADE, Andréia Araújo. *Modo de endereçamento do telejornal francês Le 20 Heures, da TF1*. Salvador, BA. Monografia de graduação. Universidade Federal da Bahia, 2008.
- VERÓN, Eliséo. Esta ahí lo veo, me habla. Tradução Maria Rosa Del Coto. In: *Enunciacion et cinema*, *Revista Comunicativa*, n. 38, Seul, Paris, 1983.
- WILLIAMS, Raymond. The technology and the society. In: *Television*. Technology and cultural form, 2a, London: Routledge, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

### Endereços eletrônicos

- CHALABY, Jean. O jornalismo como uma invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). In: *Media & Jornalismo*, Vol. 1 (3): 29-50. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/6120/5580>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

- GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: *E-compós*, 2: 1-31. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/126/126>>. Acesso em 23 mar. 2011.
- MARINHO, Roberto. Julgamento da Revolução. *Memória Globo*. Disponível em: <[http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/upload/concessoes\\_foto1.htm](http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/upload/concessoes_foto1.htm)>. Acesso em 23 mar. 2011.
- SACRAMENTO, Igor. Da celebração à punição: a televisão de João Batista de Andrade. *Revista PJ:BR- Jornalismo Brasileiro*, São Paulo, edição 7, 2006. Disponível em <[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7\\_a.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_a.htm)>. Acesso em 13 ago. 2008.

---

Artigo recebido em 4 de agosto de 2010 e aprovado em 15 de fevereiro de 2011.